

Em *Milenar resistência e Reexistência*: história e luta no poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, de Conceição Evaristo

Milenar Resistência *and* Reexistence: *History and Struggle in the Poem “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, by Conceição Evaristo*

184

Pedro Henrique Braz*
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Wilma dos Santos Coqueiro*
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Sandro Adriano da Silva*
Universidade Estadual do Paraná - UNESP
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

RESUMO: Na produção poética de Conceição Evaristo acentua-se um eu lírico negro feminino que dá voz a uma corporeidade ancestral. Por ela, a autora conquista o lugar de fala e a emancipação identitária da mulher negra, silenciada por preconceitos e estereótipos que emergem historicamente na sociedade brasileira, reverberando por séculos em um cânone

* Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

* Professor-assistente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

literário excludente e elitista. Corroborando na subversão dessa estrutura cultural, *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2017) apresenta uma voz lírica que expressa diferentes demandas étnico-raciais, especialmente, de algumas marcas do feminismo negro. Tendo esses elementos como aportes, objetiva-se aqui uma análise interpretativa do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, que integra a mencionada obra, investindo-se nas relações entre as configurações poéticas e as temáticas sociais que possibilitam entrever no poema um posicionamento subjetivo quanto à memória histórica e as reflexões de um eu lírico que se assume em sua identidade e ancestralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira. Poesia. Conceição Evaristo.

ABSTRACT: Conceição Evaristo's poetic production emphasizes a black female lyrical self that gives voice to an ancestral corporeality. Thus, the author conquers the speech place and the identity emancipation of the black woman, silenced by prejudices and stereotypes that have historically emerged in Brazilian society, reverberating for centuries in an exclusionary and elitist literary canon. Corroborating the subversion of this cultural structure, *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2017) presents a lyrical voice that expresses different racial-ethnic demands, especially of some marks of black feminism. From these elements, the objective here is an interpretative analysis of the poem "A noite não adormece nos olhos das mulheres", which integrates the mentioned book, investing in the relations between the poetic configurations and the social themes that make it possible to glimpse the poem a subjective position regarding historical memory and the reflections of a lyrical self, assumed in its identity and ancestry.

KEYWORDS: Afro-brazilian literature. Poetry. Conceição Evaristo.

A mulher negra na literatura brasileira: história e perspectivas

A sociedade de sistema escravocrata na história das Américas durou por séculos até a abolição de cada país. No Brasil, esse sistema ocupa mais da metade da linha do tempo da colônia, império e república. Foram trezentos anos de exploração, abusos, mortes e silenciamento, sendo o Brasil, a última nação a abolir a escravidão. Nesses três séculos, povos africanos, afrodescendentes e afro-brasileiros, “fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão” (NASCIMENTO, 2019, p.57), mantiveram as bases dos núcleos coloniais incorporados pelo “rebento ultramarino da civilização europeia, em sua versão portuguesa” (RIBEIRO, 1995, p.73), na mais nova colônia em terra ocidental.

Esse novo mundo organizou-se a partir da supremacia branca europeia, que incluíra africanos e afrodescendentes em planos, tanto adaptativo e

associativo, quanto ideológico, que mantiveram a colônia mercantil escravista em vigor (RIBEIRO, 1995). Designados como objetos para o mercado econômico, foram destituídos de humanidade, sendo assujeitados pela Igreja cristã e pelo Estado, deslocados à força do núcleo de suas culturas originárias, e de suas nações. Para Darcy Ribeiro (1995),

no Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os outros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povo-nação [...]. (p.68)

A imagem de produto que fora empregada nos negros tornou-os posse dos colonos. Assim, os senhores proprietários interessavam-se em “conservar no negro - seu capital, sua máquina de trabalho [...]” (FREYRE, 2000, p.53), além de conservar na mulher negra, desde o suprimento do trabalho materno, enquanto ama-de-leite, até o trabalho de limpeza da casa-grande e enquanto objeto sexual, apontado por Freyre (2000), sobre a “mulata que [...] nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. [...] Homens brancos que só gozam com negra.” (p.343.). A esse modo, consolidou-se o

povo-nação [...] da concentração da uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. (RIBEIRO, 1995, p. 23)

É inevitável reconhecer que, a partir desse sistema de base patriarcal e escravocrata em que o Brasil se compôs, consolida-se estereótipos e preconceitos que configuram a desigualdade entre classes e grupos étnicos, negando, silenciando, matando e apagando negros e negras por séculos. Esse seguimento que provém das características da escravidão, “contribui, e isso não é pouco, para a configuração atual da posição social dos negros no interior das sociedades contemporâneas.” (BARCELOS, 2011, p.123), em “tensões [...] de

caráter traumático” (RIBEIRO, 1995, p.23). Os fatos se consolidam em dados que Delton Felipe e Teresa Teruya (2010) resgatam, em que

a situação de pobreza se concentra entre os negros, que vivem em situação crônica de riscos, causada, muitas vezes, pela banalização das desigualdades e a invisibilidade em relação às políticas públicas. (p. 56)

Na realidade imposta a esse grupo étnico, o engajamento à luta e a resistência reverberou dos escravizados africanos até os seus descendentes. No Brasil, desde o período colonial, a resistência histórica dos negros envolvia sangrentas e extensas lutas, desde as guerras das comunidades quilombolas, como a resistência contra invasões na grande Palmares do século XVI, até a “luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros [...] a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional”. (RIBEIRO, 1995, p.220)

Na contemporaneidade, a luta de negros e negras pela legitimidade de suas vozes na sociedade brasileira propaga-se por diferentes linguagens, especialmente artísticas. Nesse sentido, a Literatura, enquanto sistema intrínseco a sociedade (CANDIDO, 2007), tem importante valor nos processos ideológicos acerca do homem e da mulher negra no Brasil ao passar dos tempos.

Regida pelo cânone literário, a literatura brasileira é listada a partir da

excelência literária, durabilidade e universalidade, destacando-se como modelos de escrita. O movimento pós-estruturalista e os Estudos Culturais definem o cânone literário como um conjunto de práticas de leitura apropriadas pela cultura dominante para justificar sua ideologia e para se manter no status quo [...] Ademais, mostra que não foi apenas o fator estético o responsável exclusivo da inclusão do cânone de certos textos, mas sim um conjunto de razões políticas apropriadas para sustentar uma ideologia historicamente datada. (BONNICI, 2005, p.17).

A ideologia que predomina historicamente o Brasil, como salientado anteriormente, provém de ideias coloniais com o regime escravocrata. Desse modo, grande parte das obras da literatura brasileiras apagam a figura do(a)

negro(a), e se a apresentam, fazem de forma marginalizada, assujeitada e suprimida em estereótipos, pois o escritor brasileiro não considerava o escravo negro como um ser humano. Para David Brookshaw (1983), a existência do estereótipo estabeleceu-se na imagem do escravo fiel, do escravo desprezível, do escravo nobre e da mulata sensual. O estereótipo do erótico e sensual, do pecado carnal, tentador ao pensamento europeu delineado pela cultura cristã, marcou fortemente a imagem da mulher negra na literatura brasileira, sendo descrita de maneira atrativa, rude e distante da descrição sensível e refinada das mulheres brancas, pois

a equivalência de negritude com beleza, inocência ou pureza moral era inimaginável [...] A combinação de beleza negra e vitória negra teria sido, portanto, subversiva moral e socialmente [...] cor não era mencionada, ou se salientava que era branca. (BROOKSHAW, 1983, p. 29)

Para exemplificar, prevaleceria em Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), por Aluísio de Azevedo, assim como a personagem Rosa, de *Escrava Isaura* (1875) por Bernardo de Guimarães, ambas, personagens negras, uma cativante descrição do corpo.

A partir do conceito de lugar de fala, delimitado às experiências do lugar social ocupado, a filósofa brasileira Djamila Ribeiro, ao tratar sobre a mulher negra brasileira em seu livro *Lugar de Fala* (2019), parte da premissa de que as mulheres, historicamente, são compreendidas a partir do homem e em comparação a eles. Interpreta-se a mulher como um objeto, como um “outro”. Para isso, Ribeiro considera a concepção da filósofa francesa Simone Beauvoir, que desenvolve a categoria do *outro* na obra *O segundo sexo* (1949), inspirando-se na dialética do senhor e do escravo, de Hegel. Portanto, a mulher negra é destituída de humanidade, ocupando um lugar ainda mais complexo na sociedade, porque

foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso

sobre a classe onde raça não tem lugar [...]. (KILOMBA, 2012 apud RIBEIRO, 2019, p.37)

Esse cenário propicia que o racismo se estenda por toda a vivência das mulheres negras brasileiras em diversas condições, tanto no desemprego, na autoestima e no emocional, quanto na pobreza e na fome, pois as “mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de Outro do Outro” (RIBEIRO, 2019, p.38).

Portanto, é necessário enfatizar a importância do estudo e compreensão dos processos ideológicos historicamente impostos à imagem da mulher negra no Brasil, tornando possível novas leituras capazes de desconstruir ideias estereotipadas e acrescentar aos conhecimentos que contemplem sua total completude. Para tal, partimos da produção literária afro-brasileira de autoria feminina da autora Conceição Evaristo, com o seu livro intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). A literatura afro-brasileira vem obtendo maior reconhecimento no século XXI, embora seja uma resistência secular de negros e negras no Brasil. A produção literária de Conceição evoca as vozes de mulheres sujeito de suas próprias histórias, que traçam caminhos prósperos de emancipação identitária, em empoderamento e resistência.

Literatura afro-brasileira de autoria feminina: caminhos de resistência e “reexistência”

A mulher negra na literatura brasileira, por muito tempo, fora representada estereotipicamente. Foi objeto corpóreo de desejo e nomeada a partir do imaginário masculino europeizado, que detinha as produções literárias brasileiras, assim como diversas produções artísticas e culturais da sociedade colonial, imperial e republicana brasileira. Em exemplo ilustrativo, é válido mencionar o canônico romance de Aluísio Azevedo, *O Cortiço* (1890), em que na personagem negra Rita Baiana constitui-se um dos estereótipos que foram naturalizados à mulher negra brasileira na sociedade e, por sua vez, na

literatura: o da negra cativante, sensual e erótica. No olhar literário mais amplo da pesquisadora Maria Consuelo Cunha Campos (2007), em seu artigo *Representações da mulher negra na literatura brasileira*, reflete-se sobre essas representações femininas em obras aclamadas:

O final feliz de Isaura e das donzelas dos romances urbanos de Alencar, em aberto contraste com o suicídio de Bertoleza, com a tragédia amorosa da índia Iracema, com o efeito destruidor de lar da sensualidade de Rita ilustra o papel atribuído ao consórcio amoroso interracial como fator de construção de uma população paulatinamente mais branca, ao influxo das teses racistas do conde de Gobineau. O romance brasileiro oitocentista, em grande parte, ocupou-se em fixar lugares sociais e raciais de mulheres - índias, brancas, pardas e negras - segundo um projeto de nacionalidade hierarquizante e desigual. (p. 03)

Em movimento contrário a esse contexto misógino e preconceituoso enraizado no sistema literário brasileiro (CANDIDO, 2007), ao final do século XIX, e durante o século XX, algumas produções literárias de autoria negra feminina buscaram ir além dos estereótipos e da objetificação engendrada anteriormente, constituindo “reações internas de forte carga emocional, capazes de dinamizar a linguagem rumo a uma identidade no sofrimento e na vontade de mudança” (CUTI, 2010, p. 94). Nomes como Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora de *Úrsula* (1859), e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), autora de *Quarto de despejo* (1960), foram pioneiras na literatura afro-brasileira de autoria feminina, ou como conceitua e nomeia Silva (2010), literatura afro-feminina.

Maria Firmina dos Reis, por conta de sua posição na primeira fase dessa literatura, traz em si o mérito de emblema autoral. Já a autora Carolina Maria de Jesus, marcadamente fizera da literatura o seu manifesto, o grito de sujeitos mulheres que foram silenciadas historicamente, apresentando personagens negras vivas e resistentes, donas de sua própria voz, o que inspirou outras autoras posteriormente.

Pela negação à estrutura dominante do cânone literário brasileiro, ficam às margens essas e outras autoras negras e suas obras literárias. Muitas vezes,

obras da literatura afro-brasileira são mais estudadas fora do país do que em território nacional, como ocorre com *Quarto de despejo* (1960). Portanto, na literatura afro-brasileira de autoria feminina, a relevância e reconhecimento tem sido de difícil alcance, mesmo nos dias atuais do século XXI, devido ao cânone excludente e as práticas racistas e misóginas enraizadas na sociedade brasileira.

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira de autoria feminina ou literatura afro-feminina (SILVA, 2010), assumindo o lugar de fala (RIBEIRO, 2019), com esforço, vem marcando espaço nas pesquisas acadêmicas e na produção literária brasileira nas últimas décadas, refletindo a resistência e “reexistência” das mulheres negras brasileiras. A proposta é, nas palavras de Silva (2010), uma

produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. (p.92)

Na literatura afro-feminina, a mulher negra é desvencilhada da objetificação imposta pelas relações raciais e de gênero do imaginário europeu enraizado na sociedade brasileira historicamente, pois deixa de ser o outro do outro para ser ela mesma, em toda a sua completude enquanto sujeito étnico, histórico e social. Para isso, constrói no seu lugar de fala enquanto mulher negra, que experencia o gênero de forma distinta a de mulheres brancas (RIBEIRO, 2019), pois é sujeito em um grupo de oportunidades e vivências próprias.

Dessa forma, cria personagens ligadas as raízes ancestrais, ao seu corpo negro, à espiritualidade, aos elementos culturais e a nomes de raízes ancestrais africanas, como quando proposta as crenças do Candomblé, por exemplo, além de os penteados, fenótipos e nomes significativos como Ainá, Nzinga,

Ngambele, que serão reiterados mais à frente. Além disso, considerando os processos históricos a que foram destinadas positiva e negativamente, são personagens que endossam a autoria, constituídos de subjetividade e matizados pela escrevivência (MACHADO, 2014). Nas palavras da autora negra Conceição Evaristo:

Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p.18)

Esse protagonismo feminino nas obras de Conceição Evaristo ressalta a importância e especificidade da temática da mulher negra, estudada e propagada por filólogas e estudiosas do feminismo negro, como a brasileira Djamila Ribeiro e a portuguesa Grada Kilomba. Também, ao olhar de Conceição Evaristo,

192

as discussões em torno do tema têm me envolvido como escritora e como pesquisadora. E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina. (EVARISTO, p.18, 2009).

A esse modo, pensar nessa vertente feminina é reiterar que essas vozes que foram e são ainda, na maioria das vezes silenciadas, permanecem em “milênar resistência”, como destaca a autora no poema analisado a seguir.

“A noite não adormece nos olhos das mulheres”: um olhar lírico e sensível à mulher negra brasileira

O Movimento Negro, que iniciou já no período colonial pelos quilombos e outras formas de resistência negra, mas que em nosso cenário republicano, constituiu-se socialmente e politicamente de forma legítima só a partir da década de 1970, veio se fortificando na contemporaneidade brasileira, propagando-se pelos meios acadêmicos em pesquisa científica e também na produção artística e literária, na luta contra o racismo e no esforço à inclusão social desse grupo. Representando e reiterando vozes passadistas dos ancestrais escravizados e mortos pelo genocídio negro, romancistas e poetas negros honram os dons antepassados, criando obras particularmente sensíveis e exuberantes.

Nesse cenário, na literatura brasileira contemporânea, Maria da Conceição Evaristo Brito tem sido nome de destaque. Seu percurso na literatura iniciou na década de 1990, com publicações na série *Cadernos Negros*. Seguidamente, vieram outras obras concretas, como *Ponciá Vivência* (2004) e *Becos da memória* (2006), ambas, sensíveis e analíticas no tocante à condição de negros e negras no Brasil. O manifesto e denúncia florescem em lirismo no ano de 2008 com a publicação do volume *Poemas da recordação e outros movimentos*. Já em 2011, a problemática do racismo e das relações de gênero no Brasil também reverberam a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

Além dessas obras, *Olhos D'água*, de 2014, foi livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas, e em 2016, *Histórias de leves enganos e parecenças* também veio a reforçar a escrita de Conceição Evaristo que olha sensivelmente para a exclusão, relações de poder e a estrutura social e histórica no Brasil. Marcante em toda a sua produção literária, o protagonismo feminino por Conceição Evaristo implica forte relação com a emancipação da mulher negra pela linguagem poética.

Para Octávio Paz, a linguagem está no poeta, pois “só a ele se revela”, o que implica “em uma busca interior” (PAZ, 2012, p.60-61). Além disso, Duarte (2008) defende a autoria como importante critério na avaliação da literatura afro-brasileira, assim como também considera Cuti (2010) acerca da

verossimilhança dessa literatura, que no resgate pela autoria, os sentimentos mais profundos da vivência promovem grandes reflexão aos leitores. Portanto, a literatura afro-brasileira, ou negro-brasileira, como nomeia Cuti (2010), expressa o lugar de fala de mulheres negras e homens negros, que se reconhecem enquanto sujeitos integrantes do grupo étnico de afro-brasileiros, ou negros brasileiros, por meio da linguagem poética, das palavras que “são históricas: pertencem a um povo e a um momento a fala desse povo” (PAZ, 2012, p. 191). Nas palavras de Conceição Evaristo,

a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (EVARISTO, 2009, p. 18)

Essa estrutura ligada ao subjetivo está fortemente marcada em *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), que integra poemas guiados, na maior parte, por um eu lírico negro feminino que busca seu lugar de fala e emancipação identitária. Composto por 121 poemas, a obra explora a situação racial no Brasil, assim como questões de religiosidade, família, convívio social e principalmente, a constituição de sujeito da mulher negra. Assim, condiz “com a rescisão de um passado de representações figuradas pela depreciação de atributos étnico-raciais e de gênero, em um tom denunciativo e de dessilenciamento de vozes literárias negras femininas.” (SILVA, 2011, p.101).

No que tange ao explícito eu lírico negro feminino, Conceição Evaristo integra à obra uma narrativa específica acerca da condição da mulher negra brasileira, em uma seção introduzida pelo excerto:

O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre; lágrimas, tempo de muitas chuvas. Dúvidas, sofrimentos, que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada

mulher comporta em si a calma e o desespero. (EVARISTO, 2017, p. 21)

A seção é composta por dez poemas, sendo eles, intitulados *Eu mulher*, *Vozes-mulheres*, *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, *Fêmea-fênix*, *Do feto que em mim brota*, *Amigas*, *Menina*, *Bendito o sangue de nosso ventre*, *Para a menina* e *Na mulher, o tempo...* Como preludiado pelo excerto introdutório, os poemas resgatam referências negras femininas para refletir na construção profunda do eu lírico, à sua posição de mulher negra na sociedade. Dentre os citados poemas, *A noite não adormece nos olhos das mulheres* aponta marcadamente para as relações propostas neste artigo:

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas-luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.
A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2017, p. 26)

Da mesma forma que a maior parte dos poemas da seção apresentam-se em dedicatória a mulheres negras, o citado poema é dedicado a mulher negra que fora historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres: Beatriz Nascimento (1942 - 1995). A figura importante

de Beatriz Nascimento para negros e negras no Brasil desperta no início do poema o tom de historicidade que predominará nos versos. Nesse sentido, Beatriz é uma dentre as várias “mulheres”, substantivo pluralizado que incorpora o coletivo das mulheres negras na história, assim como ao uso do pronome “nós”, que insere também o eu lírico a esse coletivo.

A indício de titulação, o substantivo pluralizado “mulheres” está ligado à personificação em “noite”, já que “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. O título reitera pela anáfora os dois primeiros versos das quatro estrofes que formam o poema, um movimento que intensifica a imagem do noturno e suas associações simbólicas pela metáfora. A metáfora de noite engendra o poema remetendo ao tempo, à angústia e ao psicológico, em circunspeção da obscuridade noturna, que suporta as dores que incidem na mulher negra brasileira por toda a sua história, não adormecendo.

Para o eu lírico, o período noturno às mulheres não é um momento de descanso, mas de reflexão e de vigília, como posto em comparação a personificação no substantivo feminino “lua”. Na primeira estrofe, “a lua fêmea, semelhante nossa, / em vigília atenta vigia/a nossa memória” conota o símbolo feminino da lua que compreende em si a ideia mística da periodicidade e da renovação pelos ciclos lunares, assim como os ciclos da mulher, sendo a “lua fêmea” vigia pela sua vibrante luminosidade celeste noturna e dona da vivência.

A partir das metáforas em “vigília” e “vigia”, expressas na primeira estrofe em tom memorialístico, conota-se a melancolia incansável que afeta o interior das mulheres negras, com destaque no período noturno. A melancolia reverbera pela inserção do elemento corporal “olhos” no poema, que conotando a metáfora do olhar, é também abertura para as “lágrimas suspensas”.

O olhar percorre todo o poema pela visualidade do uso recorrente de substantivos. Em diferentes culturas ocidentais e orientais, o olhar é sempre negado às mulheres, porque a elas fora imposto historicamente apenas o olhar

receptivo e a inferioridade sob os homens. No poema, o olhar é ativo e totalmente vinculado à mulher, sendo originador de sua consciência e de sua atenção à história e ao sujeito.

Nesse olhar com “lágrimas suspensas”, metaforiza-se no verso seguinte em *enjambement* “virgulam o lapso”, verso que conota o próprio ato metaforizado do rompimento da escrita, de sua sequencialidade, pela dor do “lapso” histórico, que apropria a personificação em “molhadas lembranças” no verso seguinte. A figura de linguagem que resgata o elemento simbólico da água por “molhadas”, corresponde as recorrentes lágrimas, ou como não espriar essas imagens à água que cercara os navios negreiros, como aparece no poema *Vozes-mulheres* da própria autora, pela imagem dos “porões do navio” e que fora e é utilizada para cozer e lavar no trabalho imposto às mulheres negras desde o período colonial, também versegado no poema *Vozes-mulheres*: “no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos” (EVARISTO, 2012, p. 24). Dessa forma, a “expressão histórica de raças, nações, classes” incorpora a configuração do poema, pela mulher que “toma consciência de ser mais que passagem” (PAZ, 2012, p.21).

Na consciência de ser, a corporeidade da mulher negra é retomada na metáfora de “vaginas abertas” na terceira estrofe. O órgão genital e sexual feminino, censurado pelo imaginário masculino especialmente nas culturas de base cristã, é representado de forma natural e em resistência enquanto órgão de origem e continuidade da vida do povo negro, “donde Ainás, Nzingas, Ngambeles” são expulsas.

A antítese de “expulsam a vida” conota com crueza a vida árdua e negada que mulheres negras estão subordinadas desde o nascimento. Além disso, a escolha dos nomes de origem africana, com destaque ao nome “Nzinga”, o mesmo nome da rainha que “encabeçava a longa batalha, militar e política, contra os invasores portugueses do seu reino e das terras Angolanas” (NASCIMENTO, 2019 p.72), marcam em tom memorialístico a força e resistência das mulheres

africanas ancestrais que, por gerações, herdaram as mulheres negras desde o nascimento.

No resgate aos nomes de origem africana, seguidos da substantivação por justaposição em “meninas-luas”, que une a semântica dos dois vocábulos femininos, metaforiza-se o legado da restrição ao descanso devido a atenta vigília em vigia da memória. Todavia, há também o legado da resistência, pela hipérbole dos versos seguintes, em que o nascimento das meninas afasta os “cálices de lágrimas”, um destaque à dor e a tristeza que circula a vida das negras-mães.

A esperança pela resistência à noite que “Jamais” adormecerá “nos olhos das fêmeas” minucia-se ao “sangue-mulher”, outro substantivo por justaposição que alia a metáfora da dor na imagem do sangue a mulher, além da representação da vida, também pela imagem do sangue que corre nas veias, que está no parto e que é simbolicamente ancestral.

Esse “líquido lembradiço”, seguido da antítese entre “gota” e “jorra”, “invisível e tônico”, conota a silenciada e apagada vida das mulheres negras brasileiras, embora por suas raízes e vivência, são intensas e marcantes pelo empoderamento e lugar de fala pacientemente apropriados em “milênar resistência”, lutando por direitos a respeito, igualdade e vida digna.

O todo composicional, ao qual o poema é formado, corresponde a uma estrutura poética reiterativa em motivo/ argumento. O fato de a noite não adormecer nos olhos das mulheres é justificado pelo uso metafórico, em argumentos que manifestam e denunciam o processo histórico da mulher negra no Brasil. Assim, consolida-se o empoderamento pelo reconhecimento da identidade e a noção de pertencimento e valores, impostos no uso inclusivo do pronome “nós”. Portanto, salienta uma organicidade materializada que frui “as intensidades poéticas, evidenciando-as, quando possível, como uma dinâmica do poema que, ela mesma pensada, dá o que pensar.” (PUCHEU, 2009, p.22- 23), chamando “o

grupo para dentro do qual o poeta insere-se e pelo qual ele fala” (CUTI, 2010, p. 96) e exaltando a identidade do negro pelo lirismo.

Para Octávio Paz (2012), “a poesia é [...] Confissão. Experiência inata. Visão [...] Voz do povo [...] palavra do solitário” (p.21). Nessas descrições, encontra-se o poeta, “sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjetividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto” (EVARISTO, 2009, p. 18), possibilitando-lhe a existência.

Portando, para compreender a poesia afro-brasileira no contexto socio histórico que estamos inseridos, também é impossível não concordar com a reflexão de Manuel Bandeira (1958), para quem a poesia é atuante ao ser humano por todas as suas perspectivas. O posicionamento consagra-se também nas considerações de Octávio Paz (2012), porque para o poeta, “o poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido - nem sequer existência - sem a história” (p. 191).

Conclusão

O poema “A noite não adormece nos olhos das Mulheres”, de Conceição Evaristo, desperta um olhar crítico e sensível no tocante aos sentimentos e memórias de um eu lírico mulher negra. Ao analisá-lo, é possível compreender a busca pelo lugar de fala, do grupo que sofreu e sofre com os impactos de três séculos de escravidão.

Além disso, o eu lírico feminino negro, por Conceição Evaristo, demonstra o cuidado da autora ao explorar profundamente o sujeito mulher negra, o que floresce na sua “escrevivência” e torna possível uma aguçada reflexão ao leitor.

A posição de resistência e o tom memorialístico, exploradas pelas figuras de linguagem, metaforizam a luta secular dessas mulheres, marcando manifestos

com gritos-ecoosos de sujeitos que se fazem escutar na linguagem, pela resistente e empoderada proposta da literatura afro-brasileira e no seu poder poético. A esse sentido, a poesia afro-brasileira de autoria feminina, ou poesia afro-feminina, propõe uma “reexistência” da personagem negra, em movimento de resistência, emancipação e empoderamento.

Referências:

BANDEIRA, Manuel. Poesia e verso. *Poesia e prosa*, volume II, Rio de Janeiro: José Aguilar, p.1271-1282, 1958

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

BROOKSHAW, D. *Raça & cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, v. 7.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Representações da mulher negra na literatura brasileira. *Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. UESC, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 11.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 31, p. 11-23, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127095001.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2019.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. A escravidão atlântica: uma nova leitura. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 10, n. 119, p. 122-128, 2011. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11231>>. Acesso em 5 jul. 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em 5 jul. 2019.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. Ações afirmativas na educação brasileira. *História e cultura afro-brasileira. Subsídios para a prática da educação sobre relações étnico-raciais*. Maringá: EDUEM, p. 55-66, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MACHADO, Bárbara Araújo. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. *História oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, 2014. Disponível em: <[http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path\[\]=343](http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path[]=343)>. Acesso em 5 jul. 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PUCHEU, Alberto. Do começo ao fim do poema. *Boletim de pesquisa Nelic*, v. 9, n. 14, p. 22-53, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/12447>>. Acesso em 5 jul. 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

201

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Pólen Livros, 2019.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, Cachoeira, n. 18, p. 91-102, 30 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>>. Acesso em 5 jul. 2019.

Recebido em: 31 de julho de 2019.
Aprovado em: 21 de outubro de 2019.